

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Teatralidades-Aquilombamento: movimento, fissura e fabulação¹

Soraya Martins Patrocínio² 

RESUMO

O texto é um apanhado sobre do livro *Teatralidades-Aquilombamento*: várias formas de pensar-ser-estar em cena e no mundo. É um recorde a partir da palestra dada no "Encontro de Combate à Discriminação Étnica & Seminário do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade". No artigo, discutimos a noção de *aquilombamento*, implicada nos gestos de *movimento*, *fissura* e *fabulação*, como chave de leitura das poéticas pretas.

Palavras chave: Teatralidades-Aquilombamento, Fissuras, Fabulação

As teatralidades negras, nas duas primeiras décadas do século XXI, emergem nos palcos brasileiros como forças explosivas, que redefinem a criação, o pensamento e a estrutura organizacional dos modos de fazer teatros negros, e não

¹ Texto escrito a partir da apresentação do livro *Teatralidades-Aquilombamento*: várias formas de pensar-ser-estar em cena e no mundo

² Professora Adjunta no curso de Teatro da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. Coordena o projeto de pesquisa "Teatralidades da Negrura" e o projeto de extensão "A crítica como criação e pensamento: um estudo sobre espetáculos". Pós-doutora em Literatura, Outras Artes e Mídia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com a tese intitulada "Dramaturgias Contemporâneas Negras: um estudo sobre as várias formas de pensar-ser-estar em cena". Mestre em Teoria da Literatura (linha de pesquisa: Literatura e Expressão da Alteridade) do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG. Dissertação intitulada: "Identities Afro-brasileiras: Sortilégio, Anjo Negro e Silêncio". Graduada em Teatro e em Letras (modalidade: licenciatura dupla, habilitação: Português/ Italiano) na Universidade Federal de Minas Gerais, com experiência acadêmica na Università di Bologna (Itália) e formada no Curso Técnico Ator em Nível Médio do Teatro Universitário da UFMG. Atriz, crítica teatral e curadora independente. É autora do livro *Teatralidades-Aquilombamento*: várias formas de pensar-ser-estar em cena e no mundo (Javali, 2023). Atualmente faz parte da Frente Criativa e Curatorial do Dona Ruth: Festival de Teatro Negro de São Paulo. Curou o Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia- FIAC (2019/2020/2023) e o Festival Internacional de Teatro de Belo Horizonte- FIT-BH-2018/2024. Desde 2005, atua como atriz e pesquisadora de teatralidades brasileiras. E-mail: sorayatrabalhos@gmail.com



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

só. Essas teatralidades, além de pensarem, concomitantemente, as contradições sociorraciais e a própria prática teatral, criaram uma ficção conceitual em que *quilombo* é uma das formas de dizer *fabulação*, força produtiva que retorna ao passado, restaura o porvir e se abre para a construção de vários mundos possíveis e em relação.

O surgimento de grupos e coletivos, de festivais e projetos de teatros negros, como *segundaPRETA* (BH), *Polifônica Negra* (BH), *Dona Ruth Festival de Teatro Negro de São Paulo* (SP), *Segunda Black* (RJ), mais especificamente a partir dos anos 2017, que pensam linguagens e articulam formações teóricas e práticas sobre saberes também fora de cena, deu a ver formas novas de territorialização de sujeitos que vivem e estão em processos perenes de reconceitualização das estéticas da negrura e das identidades. Nesse sentido, argumentamos, aqui, que tais instâncias de contato e troca apontam para o surgimento de *aquilombamentos* éticos e estéticos, instaurando maneiras de relacionalidade alternas no âmbito das teatralidades brasileiras.

Pensar em *aquilombamentos*, é pensar em uma noção conceitual que engloba, movimenta e fabula o significado mesmo da palavra *quilombo*, termo-conceito que habita o imaginário coletivo e designa uma forma de resistência e organização das pessoas negras. O ato de aquilombar, no contexto ético e estético proposto, explode a ideia de território fixo e se liga a experiências marcadas por interações, modificações e transcendências. Ou seja, liga-se a processos constantes de relacionalidade, contato, contaminação e tensão entre pessoas e culturas diversas.

No artigo "O conceito de quilombo e a resistência cultural negra" ((NASCIMENTO *apud* RATTS, 2006), a pesquisadora, historiadora e ativista dos direitos humanos de pessoas negras, Beatriz Nascimento, contextualiza



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

historicamente o conceito de *quilombo*, desde África até o Brasil. Em Angola, *kilombo* era um modo de resistência para garantir a identidade pessoal e significava “instituição em si”. Na verdade, conforme aponta a pesquisadora, designava os indivíduos que, juntos com os Jangas, nômades que matavam seus próprios filhos, adotavam os adolescentes das tribos adversárias que conseguiam derrotar. Esses indivíduos eram vistos como uma ameaça significativa aos portugueses que estavam em Angola, por desfazerem os laços de linhagem e instaurarem uma forma de poder diverso diante das instituições. “Casa sagrada”, de acordo com Nascimento, também era outro possível significado para *kilombo*, lugar onde eram preparados os rituais de iniciação dos Jangas.

No Brasil, no final do século XVIII, os portugueses estabeleceram um significado para a palavra: “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”. (NASCIMENTO *apud* RATTS, 2006, p.119). A definição do termo no sentido de expressar instrumento ideológico contrário aos processos de subjugação se deu somente no final do século XIX e, tão logo, abarcou a ideia de símbolo de resistência. Assim, já no começo do século XX, a noção de quilombo passou a ser percebida desta maneira:

Tendo findado o antigo regime, com ele foi-se embora o estabelecimento como resistência à escravidão. Mas justamente por ter sido durante três séculos concretamente uma instituição livre, paralela ao sistema dominante, sua mística vai alimentar os anseios de liberdade da consciência nacional. (NASCIMENTO *apud* RATTS, 2006, p.123).

A década de 1970 foi marcada por uma crescente busca e entendimento dos processos de resistência ocorridos no período colonial. Em 1974, por exemplo, o grupo Palmares, uma associação cultural para promover estudos de história e



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

arte sobre o papel dos negros e metiços no Brasil, composto pelos intelectuais Oliveira Silveira, Vilmar Nunes, Ilmo da Silva e Antônio Carlos Côrtes, publicou um artigo no Jornal do Brasil, no qual sugeriu o dia 20 de novembro como uma data verdadeiramente digna para se comemorar a resistência negra, em contraponto ao 13 de maio: a primeira data marca a queda do Quilombo de Palmares e o assassinato de Zumbi, um dos mais importantes líderes quilombola brasileiro; já a segunda, indica o fim da abolição da escravidão, decretada pela Princesa Isabel, que, supostamente, por sua bondade, concedeu a liberdade aos escravizados. A História oficial, aqui, negligencia as demandas políticas, sociais e, sobretudo, econômicas por trás desse gesto "humanístico". E é no desejo de recontar a contrapelo a História que, progressivamente, as buscas por entedimento conquistaram as salas de aulas, as pesquisas, os encontros e os debates públicos, cujo objetivo era engendrar a liberdade dos afrodescendentes.

É desse modo que, a partir das últimas décadas do século XX, o termo, como bem assinala Beatriz Nascimento, passou a ser definido como sinônimo de pessoas que fazem dos seus corpos negros o próprio quilombo.

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra (NASCIMENTO *apud* RATTS, 2006. p. 124).

A partir da linhagem e dos movimentos acerca dos significados da palavra *quilombo* e da compreensão de que um corpo da negrura pode ser também um corpo-quilombo, pretende-se refletir sobre o ato de aquilombar, do qual emergem identidades e poéticas afrografadas nas e pelas relações de contato, contaminação, transcendências e imaginação. A noção de *Aquilombamento*,



UESB



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

nesse sentido, diz de processos de relacionalidade *com/ entre/ a partir* dos corpos negros e de modos de privilegiar a extensão simbólica e subjetiva das práticas negras, que obliteram os registros e os regimes de representação nos palcos e fora dele.

Além de ser pensada no sentido revolucionário e político de agrupamento de pessoas negras, essa noção, como estamos propondo, se projeta como *movimento*: juntar-imaginar-criar-transcriar-reimaginar para, além de movimentar sentidos outros, descortinar o próprio sentido múltiplo das experiências pretas. Logo, refletir sobre o processo de *aquilombamento*, na contemporaneidade, é apontar práticas éticas e estéticas comprometidas em fundar novas possibilidades de existir, criar e se relacionar.

E é nesse sentido que quilombo se liga aos vários significados da palavra *Calunga*, que no Kimbundu, língua falada no noroeste de Angola, incluindo a província de Luanda, pode significar: *mar, ação de ser, alguém que se faz presente e água que possibilita o mergulho em outros mundos possíveis*. Se os corpos fazem e refazem a si próprios como quilombo, tornando-se aquilombamentos, eles, corpos-aquilombamentos, encerram, em si mesmos, a ação de ser-quilombo, a manifestação de ser que transborda os vazios, ocupa os espaços físicos e simbólicos, faz-se presente, no presente, e navega em águas que possibilitam criar e recriar modos de habitar, ser, estar negras/os no mundo.

Criar e recriar modos de experienciar, apresentar e viver a negrura no mundo e/ou no teatro está intimamente ligado a uma ideia de ética e dignidade. Segundo Muniz Sodré (2017), a filosofia Nagô não compreende o sentido da palavra ética como um modo de sistematização moral do comportamento humano, pensa-a como um conceito implicado a um destino comum, isto é, um entendimento que prima pela dignidade de conviver e de habitar de toda comunidade. A dignidade,



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

assim, é um valor absoluto, farol da ética, uma exigência radical da própria vida. Por isso, a denominação *aquilombamentos éticos e estéticos*, pois a imanência dinâmica do ato de juntar-imaginar-criar-transcriar-reimaginar é também est[ética], um movimento de clareza e luminosidade da humana existência.

Como uma tecnologia preta que funciona por analogia e não por contradição, *aquilombamento* liga os mundos, [...], um exercício mental de troca e criação de saberes e estratégias, uma possibilidade de existência em meio aos açoites [...] e uma condição de diálogo sofisticado que se abre e semeia o antes-o-agora-o-depois-e-o-depois-ainda. Projeta-se, ao mesmo tempo, tanto no âmbito da ética, como entendida pela filosofia Nagô, quanto da estética, uma estética preta diaspórica, que diz de processos dinâmicos de interação, transformação e reatualização de falas, gestos e memórias em novas formas de linguagem e expressão. É um ato de existir ligado à presença/ausência de *Calunga*, o performar de partida e de chegada das negras e negros em diáspora.

É nessa perspectiva que, pensada a partir de existências que se conectam à ideia da presença e ausência de *Calunga*, que performa a performance mesma da diáspora negra nas Américas, a noção conceitual de *aquilombamento* se entrelaça ao conceito de diáspora, que, conforme Paul Gilroy (2012, p.18), “perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento”, ao dissolver a ideia essencialista de que os negros são um contingente similar.

Para além de significar apenas movimento, a ideia-chave da diáspora, segundo Gilroy (2012, p.25), diz de “formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem”. É desse modo que as identidades, no líquido processo de contaminação e de transcrição do Atlântico negro, envolvem-se tanto em misturas quanto em movimentos, dando a



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

ver culturas marcadas pela mediação, conflitos e transmutações:

As culturas do Atlântico negro criaram veículos de consolação através da mediação do sofrimento. Elas especificam formas estéticas e contraestéticas e uma distinta dramaturgia da recordação que caracteristicamente separam a genealogia da geografia, e o ato de lidar com o de pertencer. Tais culturas da consolação são significativas em si mesmas, mas também estão carregadas e contrapostas a uma sombra: a consciência oculta e dissidente de um mundo transfigurado que tem sido ritual e sistematicamente conjurado por pessoas que agem em conjunto e se abastecem com a energia fornecida por uma comunidade mais substancialmente democrática do que a raça jamais permitirá existir (GILROY, 2012, p.13).

Paul Gilroy, portanto, compreende a diáspora como um sistema de reconceitualização da cultura que se forja, continuamente, através de vivências baseadas na desterritorialização e em processos radicais de relacionalidade. É nesse ponto de compreensão que o conceito de diáspora e a noção de *aquilombamento* se entrecruzam e nos possibilitam pensar em uma poética da relação (GLISSANT, 2005), em que está em jogo a capacidade de se relacionar com a própria negrura, com as diferenças entre negras e negros e com a branquitude. O mesmo que pensar em formas mais opacas de ser e estar negra e negro no mundo e em cena.

“Como ser si mesmo sem fechar-se ao outro, e como abrir-se ao outro, sem perder-se a si mesmo?” (GLISSANT, 2005, p. 28). A tessitura das poéticas de relacionalidade, os *aquilombamentos*, antes de ser um ato que clama pelo direito à diferença, prima pela opacidade, o direito mais pulsante que, longe de tramar fronteiras, cria e recria liberdades. Formas mais opacas de habitar o mundo é a possibilidade de diluir as verdades absolutas e trançar relações. É nesse viés que a



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

opacidade, o direito a ela, afirma uma poética-política que evidencia o surgimento de desejos, relações sociais e culturais e modos associativos novos que apontam para o performativo.

Se, em opacidade, a diferença não pode ser consumida ou extraída,
talvez possamos criar uma ficção conceitual
em que “opaco” é uma das formas de dizer
“quilombo”,
e assumir, assim, que a encruzilhada
da vida negra está situada
sobre
um labirinto de túneis que conduzem da
plantação cognitiva
à floresta e
da floresta ao
assentamento fugitivo.
(MOMBAÇA, 2020, p. 11).

Essa *poética-política* performativamente afrografada desde a diáspora ziguezagueada no Atlântico negro se apresenta, por meio dos *aquilombamentos*, como uma espécie de “assentamento fugitivo” - que não diz de uma morada no sentido fixo do termo, mas de trânsitos e travessias e opacidades - em que os desejos líquidos utópicos são corporificados, (re)encenados, decantados e celebrados. Nessa perspectiva, a noção conceitual de *aquilombamento* tenta reconstruir sua própria genealogia crítica, ética e evidenciar uma geografia política-cultural. E como ideia-chave para ler as po[éticas] pretas, na atualidade,



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

realiza-se, mas não só, nos gestos de *movimento*, *fissura* e *fabulação*.

O gesto de *movimento*, conforme estamos propondo, reflete e questiona os conceitos rígidos de uma falsa concepção do que é e do que não é arte negra e direciona para a produção da diferença e da criatividade. Ele é pensado quando associado a outros dois gestos que se retroalimentam: *fissura* e *fabulação*.

O gesto de *fissura* diz sobre o ato de rachar, fender as determinações representativas calcadas na rigidez das homogeneidades sobre as formas de ser e estar negras e negros. Fissurar aqui é fender intentando maneiras novas de encenar velhos dramas negros e novas maneiras de fazê-los sentidos. É elaborar as subjetividades recalcadas, as fúrias, as melancolias, os ressentimentos, os prazeres e as alegrias criativa e esteticamente, apontando para novas práticas de dramatização do real. É uma forma de lançar mão do corpo da negrura como imagem-texto, inventariar outras imagens possíveis, criar imagens que faltam, já que atrás de uma imagem do Teatro Negro existem outras imagens dos Teatros Negros.

É desse ato de fissurar que pode emergir aquilo que queremos significar por *Fabulação*, ou seja, a ficção como possibilidade de construção de um espaço onde negras e negros possam existir sem amarras, recriar memórias e temporalidades. Recontar a história. Dedicar-se a um desejo. Fabular é produzir imagens e olhares fabulares e identidades em devir a partir da releitura crítica da história: do passado, operando no presente e no futuro, através de uma leitura poética do mundo. Fabular é especular para se produzir rotas de fugas existenciais e estéticas.

Tais gestos se instauram nos processos de criação de linguagens artísticas, produzindo teatralidades que só são possíveis de serem elaboradas e realizadas porque os gestos de *movimento*, *fissura* e *fabulação* também se inscrevem como



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

práticas amplas de configurações sócio-político-culturais novas.

Referências

MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva. In: MASP Afterall. Disponível em: <http://masp.org.br/uploads/temp/temp-QYyC0FPJZWoj7Xs8Dgp6.pdf>. Acesso em 23 mai. 2025.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. 2.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora 34/ Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GLISSANT, Édouard. Pela Opacidade. Tradução de Henrique de Toledo Groke, Keila Prado Costa. In: *Revista de Criação e Crítica*. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA/USP), n.1, p. 53-55. 2008.

MARTINS, Soraya. *Teatralidades-Aquilombamento: várias formas de pensar-ser-estar em cena e no mundo*. Belo Horizonte: Javali, 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTs, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza/ imprensaoficial, 2006.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

